



# INFLEXÕES DELEUZIANAS PARA O TABULEIRO DA INVESTIGAÇÃO EDUCACIONAL: NARRATIVAS COMO VARIAÇÕES CONTÍNUAS

## DEULEZIAN REFLECTIONS FOR THE GAME BOARD OF EDUCATIONAL INVESTIGATION: NARRATIVES AS CONTINUOUS VARIATIONS

Josenilda Maués<sup>1</sup>  
josimaues@gmail.com

### RESUMO

Este artigo põe em movimento algumas peças do móvel tabuleiro deleuziano, vistas em suas possibilidades de produção de mapas de intensidades em torno do trabalho investigativo que se denomina de pesquisa narrativa no campo educacional. Os argumentos delineados intentam produzir inflexões no interior dessa opção de pesquisa, operando com um deslocamento de abordagens que tratam as narrativas como práticas auto-referentes centradas no sujeito que fala, para o investimento em uma perspectiva tonalizada por argumentos pós-estruturalistas. O trabalho é impulsionado pelas seguintes indagações: Quais condições teórico-metodológicas de possibilidade de revigoração da escrita acadêmica, na pesquisa educacional, podem ser produzidas a partir da movimentação de conceitos deleuzianos vinculados às filosofias da diferença? Sob quais possibilidades epistemológicas e metodológicas esses conceitos podem funcionar como potência criadora de sínteses disjuntivas, em experimentos e composições de escrita acadêmica, no âmbito da pesquisa educacional? Do ponto de vista metodológico o texto assume as feições de um trabalho teórico, de cunho bibliográfico que investe na utilização de alguns conceitos deleuzianos, exercitando operações conceituais e composições práticas. As hastes da inflexão aqui proposta sinalizam para espaços não identitários, não representacionais, não interiorizados para a produção narrativa. Para o exílio do campo da identidade e da semelhança e da razão representativa, apontando para a invenção de narrativas que escapem à reconhecimento e à recodificação do vivido. Movimentos que se façam em relação com um “de-fora”, para além de interioridades biográficas a serem desnudadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas • Pesquisa da Educação • Gilles, Deleuze

### ABSTRACT

This article puts in movement some pieces of the deleuzian game board seen in its production possibilities of intensity maps surrounding the investigative work with what is named narrative research in the educational field. The presented arguments are meant to generate inflexions in the interior of this research model, acting by displacing approaches that treat the narratives as self-referred practices centered in the subject who speaks towards the investment based in pro-structuralist arguments. The work is driven by the following inquiries: which theoretical-methodological conditions of possibility of academic script reinvigoration in the context of the academic research can be produced from the movement of the deleuzian concepts linked to the philosophies of difference? Under which epistemologic and methodological possibilities these concepts can work as a creative potency of disjunctive synthesis, in experimental and composed of academic writing? By the methodological point of view the text gains the features of a theoretical work, in a bibliographic view that invests in the use of some deluzian concepts by applying conceptual operations and practical compositions. The axes of the above proposed inflexion point to non “identitairial” spaces, non representational, not interiorized for the narrative production. To the exile of the identity and similarity field as well as the representative reason, pointing to the invention of narratives that escape the recognition and recoding of the lived. Movements to be made related to an “outside” beyond the biographic interiorities to be denude.

**KEYWORDS:** narratives • education investigation • Gilles Deleuze

<sup>1</sup> Doutora em Educação: Currículo, PUC/São Paulo. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará e pesquisadora do campo do currículo e formação de professores. Líder do Grupo de Pesquisa Diferença e Educação (DIFERE). E-mail: jomaues@ufpa.br

*Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.77).*

## 1. GRÃOS, PASTILHAS NO TABULEIRO...

Em *Mil Platôs*, Volume 5 (1992), Deleuze e Guattari (1992) utilizam a teoria dos jogos para comparar a máquina de guerra aos aparelhos de Estado examinando o ponto de vista das peças dos jogos, das relações entre elas e do espaço mobilizado. Entre a codificação e o movimento das peças do xadrez e o espaço aberto do go, optam pelos peões do go, como grãos, pastilhas, com função anônima, sem propriedades intrínsecas, distribuídos em espaço aberto, em movimento perpétuo, com a precisa função de margear, cercar, promovendo uma estratégia sem linha de combate.

Este artigo põe em movimento algumas peças do móvel tabuleiro deleuziano, vistas em suas possibilidades de produção de outros mapas de intensidades em torno do trabalho investigativo que se denomina de pesquisa narrativa no campo educacional. Os argumentos apresentados pretendem delinear inflexões no interior dessa opção de pesquisa, operando com um deslocamento de abordagens que tratam as narrativas como práticas auto-referentes centradas no sujeito que fala, para o investimento em uma perspectiva tonalizada por argumentos pós-estruturalistas.

Os fios transversalizados nessa costura desenham imagens outras para o pensamento a partir do exercício de distanciamento das filosofias da consciência e de concepções representacionais da linguagem. Nesse outro território descentrado, o trabalho com narrativas enquanto fenômeno ou método de investigação afasta-se de abordagens de inspirações reflexivas ou centradas na “consciência de si”, que

investem em um sujeito interiorizado, a partir de discursos produzidos sobre si mesmo, e passa a encarar as potências criadoras da narração como prática vacilante de linguagem que nada deve àquele que a profere.

Neste texto encontram-se condensados alguns resultados de movimentos investigativos constitutivos de um programa de pesquisa que investe nas filosofias da diferença, e que se permite indagar sobre: quais condições teórico-metodológicas de possibilidade de revigoração da escrita acadêmica, na pesquisa educacional, podem ser produzidas a partir da movimentação de conceitos deleuzianos vinculados às filosofias da diferença? Sob quais possibilidades epistemológicas e metodológicas esses conceitos podem funcionar como potência criadora de sínteses disjuntivas, em experimentos e composições de escrita acadêmica, no âmbito da pesquisa educacional?

Esse programa de pesquisa enviado pelo Grupo de Pesquisa Diferença e Educação (DIFERE)<sup>2</sup> mobiliza estudos voltados para a constituição de sínteses disjuntivas apoiadas nas virtualidades e multiplicidades de abordagens filosóficas de inspiração pós-estruturalista para o campo do currículo e da formação de professores.

Do ponto de vista metodológico o texto assume as feições de um trabalho teórico, de cunho bibliográfico, que investe na utilização de alguns conceitos deleuzianos para promover fissuras no espaço da pesquisa narrativa. O trabalho de pesquisa que possibilita essas formulações assume, ao mesmo tempo, a natureza de experimentação em termos do que se vem denominando de uma escrita artística no campo educacional e, desse modo, atua por operações conceituais e por composições práticas<sup>3</sup>.

É nesta viagem iniciática, onde jogo conceitual e de experimentação se conectam, que pretendemos nos mover.





## 2. MOVIMENTANDO O TRABALHO NARRATIVO: A PRODUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA SEM LINHA DE COMBATE

O devir é sempre de uma ordem outra da filiação. Ele é da ordem da aliança (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.86).

A operação com o escopo filosófico deleuziano mobiliza uma combinação onde a produção de conceitos e o trabalho com os conceitos compreende sempre agenciamentos em conexão com outros agenciamentos. Isso compele o pesquisador a caminhar de modo traçante e ávido por territórios outros que não o cunhado pela literatura educacional ou, marcadamente, pedagógica e curricular. Ao depararmos-nos, na chave deleuziana, com o fato de que a ciência não tem por objetos conceitos “mas funções que se apresentam como proposições nos sistemas discursivos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 153), cabe-nos assumir que os conceitos necessitam ser entendidos, no trabalho científico, como máquinas, em conexão com outras máquinas, impelindo-nos a experimentar como funcionam e a perseguir as multiplicidades em que se introduzem e se metamorfoseiam.

Para esses autores, os conceitos não são representações universais, nem simples operadores lógicos, mas uma aventura do pensamento que institui um acontecimento e que permite a elaboração de um ponto de vista sobre o mundo. Todo conceito é, assim, necessariamente assinado, é uma multiplicidade que gera sempre totalidades provisórias; é criado a partir de problemas; remete a outros conceitos de forma não linear. É sempre um incorporal, não podendo ser confundido com “a coisa-mesma”. (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

Caminhamos, portanto, em meio à provisoriedade consistente de conceitos que saem do campo das representações, violentam sintaxes, promovem literalidades e insinuem; que

não remetem a coisas ou a essências e execram promessas de explicações universais. Localizam-se nas marcas da singularidade, colocando-nos o desafio de identificar suas rizomáticas conexões. Lançam-nos o desafio visual, tátil e vibrátil de rascunhar tão somente as zonas de proximidades, deslocamentos, pontes e disjunções que nos possibilitam.

Essas disjunções propiciadas por outras imagens e movimentos do pensamento substitutivos ao idêntico e ao negativo - o mundo da representação – impactam fortemente no âmbito de investigações que recorrem a modelos biográficos/autobiográficos de pesquisa, desenvolvidos sob a forma de pesquisa narrativa.

No campo educacional, sobretudo no espaço da formação docente, contamos com um conjunto de investigações que apostam no trabalho com narrativas autobiográficas como fenômeno, método de investigação e experiência de auto-formação e intervenção. É possível afirmar que o conjunto majoritário dessa produção, no que diz respeito à operação com narrativas como método de investigação, recorre a aportes teóricos que colocam o processo narrativo como exercício que gera conhecimento sobre o sujeito, suas práticas e construção identitária.

Conforme anunciado anteriormente, caminhamos em sentido oposto, sob perspectiva pós-estruturalista de tonalidade deleuziana, para tratar do trabalho narrativo, pontuando algumas inflexões decorrentes quando se joga com as peças desse tabuleiro.

O contato com formulações desse filósofo pluralista que fez da diferença um conceito eminente, investindo na noção de intensidade em detrimento da representação, coloca-nos diante de uma das mais importantes coordenadas de seu pensamento. Trata-se do conceito de acontecimento, articulado à diferença, arremete contra um



tempo histórico cumulativo ou circular para postular a arquitetura de um tempo labiríntico, uma temporalidade atópica, paradoxal.

Este é, transversalmente, o motor da inflexão deleuziana que pode convulsionar a pesquisa narrativa, sobretudo aquela centrada em abordagens experienciais.

Sob emanações deleuzianas a produção de narrativas recoloca qualquer tipo de sequencialidade linear na tríade presente/passado/futuro e suas promessas de reconições transformadoras, passando a lidar com a acepção de um tempo múltiplo, caótico, que assume a coexistência de diferentes planos, desordenados que se desdobram em atualidades e virtualidades, derrubam a barreira entre real e imaginário, desdobrando-se em devires.

Essa mudança de coordenadas espaço-temporais introduz potentes alterações no modo de produzir narrativas, de escrevê-las, de tratá-las. Como apresenta Pelbart (2004, p. XXI).

[...] em Deleuze, ao invés de uma linha do tempo, temos um emaranhado do tempo; em vez de um fluxo do tempo, veremos surgir uma massa do tempo; em lugar de um rio do tempo, um labirinto do tempo. Ou ainda, não mais um círculo do tempo, porém um turbilhão, já não uma ordem do tempo, mas uma variação infinita, nem mesmo uma forma do tempo, mas um tempo informal, plástico. Com isto, estaríamos mais próximos, sem dúvida, de um tempo de alucinação de que de uma consciência do tempo.

Um tempo com tal plasticidade instaura ranhuras na produção da narrativa, forçando-nos a operar com uma noção de historicidade insurgente, descontínua, modulada por variações contínuas. O pensamento precisa ousar movimentos labirínticos tanto no processo de produção narrativa quanto em sua tradução nas folhas sequenciadas de um trabalho acadêmico. Interrogar o narrador sobre o iní-

cio de algo ou solicitar que nos revele fatos importantes de sua trajetória e, ao cabo, perseguir suas constâncias, tornam-se algo inoportuno. Ao ver ou escutar a matéria da narração é necessário recortá-la, decompô-la, perscrutar seus buracos, vacúolos, cintilações, jogos de forças; estabelecer superposições; perseguir acontecimentos. Buscar as diferentes segmentarizações e linhas de fuga que comportam e extravasam.

Desse modo, teremos “o acontecimento singular analisado como processo ‘polígono’ ou, sobretudo, um ‘poliedro de inteligibilidade’, no qual o número de faces não é definido de antemão e não pode jamais ser considerado como acabado de pleno direito” (MARTINS, 2002, p. 90).

Precede e atravessa, entretanto, essa relação múltipla com o tempo um outro modo de interrogarmo-nos em nossas investigações ou de construirmos nossos problemas de pesquisa no campo narrativo. Sob a perspectiva assumida, não nos interessa perguntar o que é ou o que está por trás de algo narrado. Se articuladas ao movimento de pensamento deleuziano, nossas inquietações voltam-se, diferentemente, para indagar sobre as circunstâncias de uma coisa; para perguntarmos em que casos, onde, quando, como funcionam, operam, acontecem, uma vez que o conceito diz respeito sempre ao acontecimento e não mais à essência.

Essa inflexão articula-se à concepção de linguagem assumida por Deleuze que arremete em direção ao domínio do significante, pois, para esse autor, “o significante ainda pertence ao domínio da questão ‘o que isso quer dizer’”? (DELEUZE, 1992, p. 33). Sob a égide dessa formulação interessa-nos a superfície ou o que coloca em movimento. A partir desse espectro, não há sentido em se realizar interpretações das narrativas, tomando-as como manifestações representacionais de um sujeito reflexivo. Cabe, antes, tomá-las como



superfícies de inscrições múltiplas.

Esse posicionamento altera, fundamentalmente, os objetivos do trabalho com narrativas, que não mais se coloca como operação de captura, mas como operação produtiva. Trata-se de produzi-las como práticas discursivas, de tecê-las como práticas de linguagem que colocam intensidades em movimento; de percebê-las como práticas envolvidas em processos de subjetivação que só podem ser vistos dessa forma se compõem modos de vida em choque com modelizações dominantes; como espaço onde subjetividades se ancoram e se desfazem.

Nos rastros da perspectiva deleuziana compete-nos perseguir diferentes modos de individuação que não remetem a uma pessoa ou a um sujeito, mas, a um acontecimento ou a acontecimentos (DELEUZE, 1992). Toma-se, nesse sentido, a preocupação não com o sujeito que profere algo, mas com o que põe em funcionamento quando profere algo; com as linhas que compõem o discurso, com o que cria ou toma emprestado. Desloca-se a atenção aos processos de subjetivação envolvidos nesse movimento pois, no espectro deleuziano, “Não há sujeito, mas uma produção de subjetividade: a subjetividade deve ser produzida, quando chega o momento, justamente porque não há sujeito” (DELEUZE, 1992, p. 141).

Considerando que os processos de subjetivação são assumidos como produção de modos de existência, torna-se importante atentar para os momentos em que processos narrativos comportam processos de subjetivações. Estes, entretanto, não podem ser tomados como instrumentos reveladores de elementos preexistentes, fundacionais, ou de verdades sobre si-mesmo. Processos de subjetivação não correspondem a processos íntimos, privados, mas a operações em meio às quais nos constituímos como sujeitos “à margem dos saberes constituídos e dos pode-

res estabelecidos, podendo dar lugar a novos saberes e poderes” (DELEUZE, 1992, p. 188).

Abandonaremos, então, no trabalho narrativo, a busca de núcleos estáveis de análise para lidar corajosamente com as variações contínuas da própria linguagem. A partir das referências às visibilidades, aos enunciados, ao procedermos ao trabalho investigativo com narrativas partiremos para examinar o que as narrativas são capazes de dizer, de nos fazer ver e sob quais enunciados isso está sendo dito, uma vez que não mais estaremos nos referindo a um sujeito do discurso mas às paisagens efêmeras de processos de subjetivação.

Essa inflexão conecta-se a alterações indelévels no que diz respeito à ideia da relação sujeito-objeto como ancoragem do processo de conhecimento. Na perspectiva assumida sob a chave deleuziana “sujeito e objeto não constituem a relação fundamental do pensamento dessa pesquisa, e pensar, não é um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno do outro” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113).

Esse não é, certamente, um movimento fácil para nós que aprendemos a lidar com relações de proeminência do sujeito, do objeto ou de processos de interação entre ambos na relação de conhecimento. Essa, também, é uma tessitura delicada quando se opera com narrativas e, mais ainda, quando se lida com ferramentas deleuzianas, que requerem a operação com as posições flutuantes da narração.

Como nos adverte Deleuze (1995, p.78): “Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda”.

Podemos, portanto, admitir que o conceito de processos de subjetivação que não remete a um sujeito pesso-



al, mas a agenciamentos coletivos de enunciação, afigura-se como uma noção fundante para sairmos, na pesquisa narrativa, do estatuto da memória, das histórias de vida, dos relatos de experiência, de momentos catárticos, de práticas auto-reflexivas. A assunção dessas noções desemboca em um tipo de investimento que tenta escapar de todo tipo de personalismo seja ele psicológico ou linguístico.

Isso coloca a necessidade de outra postura investigativa no processo de produção de narrativa que requer a invenção de um tipo de estratégia diferente do procedimento de perguntas e respostas, convencionalmente utilizado, mesmo quando sob o discurso da interação ou de um esquema solto e não-estruturado de interrogações. Se se trata de exercitar um outro movimento, a partir de outras imagens do pensamento, para além de sua tradicional arborescência; se pretendemos flagrar um tempo descontínuo, se o foco central não é o sujeito falante ou a reconhecimento memorialística, se o objeto é modulável, valeria, certamente, a experimentação de mecanismos diversos de produção e sutura narrativa.

Como encontramos em Deleuze e Parnet (1998, p. 17)

Qualquer que seja o tom, o procedimento questões-respostas é feito para alimentar dualismos. [...] Há sempre uma máquina binária que preside a distribuição dos papéis e que faz com que todas as respostas devam passar por questões pré-formadas, já que as questões são calculadas sobre as supostas respostas prováveis segundo as significações dominantes. Assim se constitui uma tal trama que tudo o que não passa pela trama não pode, materialmente, ser ouvido.

Seria necessário, então, exercitar possibilidades de usar a linguagem de modo a não opor ficção e realidade, de não aprisionar o narrador ao espaço-tempo do pesquisador (igualmente e, diferentemente, um narrador), de possibilitar que a narração seja fabulada,

intercalada por outros sons e imagens, desenhada, colorida, acrescida de objetos, atravessada por personagens outros, deixando passar pela trama o que não é a própria trama, mas seus diferentes níveis de paisagens. Trata-se, como na expressão de Rolnik (1989), de utilizar a linguagem como “tapete voador”; operar por provocações, por imagens, por fabulações, evitando os dualismos entrevistador/entrevistado; vida real/ficção, “obra-intenção ou significação da obra”, pessoa/professor. Pode-se, portanto, sair do campo das entrevistas interrogativas sequenciadas para outras formas provocativas de se contar histórias: cartas, fábulas, imagens, contos, poemas, instalações...

Nesse sentido, pode-se operar por afectos, perceptos e conceitos como potências inseparáveis na alquimia deleuziana. Essas potências implicam em novas maneiras de ver e ouvir (perceptos), novas maneiras de sentir (afectos) e novas maneiras de pensar (conceitos).

Nessa perspectiva a produção narrativa é separável da vida e inseparável do devir. Escrever torna-se, então, uma questão de devir. Devir é “o conteúdo próprio do desejo”; não significa um sonho ou o imaginário; refere-se a diferentes formas de viver e de sentir que assombam ou se envolvem em nossa forma de viver e a “faz fugir” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 21; ZOURABICHVILI, 2005).

Esses elementos impactam, sobremaneira, na produção do estilo da escrita narrativa. Deleuze e Guattari (1992) indicam a necessidade de se escrever por afectos, a construir estilo, sintaxe, modos, ritmos, tons, para nos elevarmos “das percepções vividas ao percepto, de afecções vividas ao afecto” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 221). Colocam-nos a necessidade de exceder os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido; liberar a vida onde ela é prisioneira. Eliminar “tudo o que gruda” em nossas percep-



ções vividas; guardar somente “a saturação.”

Do ponto de vista da linguagem nos contornos aqui assumidos, esse investimento implica em uma aproximação cada vez mais criativa da escritura educacional, com o campo da literatura que “só começa em nós quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos retira o poder de dizer Eu” (DELEUZE, 1997, p. 4).

A literatura contesta precisamente o estatuto da linguagem reduzida à função representativa do discurso, a sua função significante em sua identificação com os signos; a linguagem como algo que remete ao sujeito que fala.

A experimentação da escrita narrativa, sob esse movimento, excede ao relato de vivências ou de percepções vividas e passa a experimentar a linguagem de modo a transitar no tabuleiro deleuziano, torcê-la, fazê-la vibrar, abraçá-la, fendê-la, para arrancar o percepto das percepções.

Sob a égide dessa formulação interessante nos a superfície da narrativa ou o que coloca em movimento. Interessamos sair de uma perspectiva de escritura narrativa que se coloca no plano de sentimentos, de percepções vividas, para investir em uma perspectiva que se esgota ao “não dever mais nada àqueles que o experimentaram ou experimentam” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 218), que põe em funcionamento afectos e perceptos, excedendo os estados perceptivos e as passagens afetivas da vida, propiciando outros devires para a escrita acadêmica.

Esse tipo de funcionamento requer a produção do estilo como a constituição de modos de existência singulares. Sob essa perspectiva todo estilo se faz com base em estilos precedentes e, ao mesmo tempo, em franca ruptura com eles. O estilo não remete à personalidade do autor, a sua marca, mas ao processo de tensionamento da lín-

gua. Requer, portanto, um investimento maciço, de contato com diferentes campos de escritura, com uma variedade de conceitos produzidos em diferentes campos de conhecimento, com um caleidoscópio de imagens produzidas em diferentes campos artísticos e tecnológicos, com rumores que vêm de campos embrionários de formulações, com recortes de variadas tonalidades, cores, cheiros (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

Vale lembrar que o processo de escritura não implica em colecionar e utilizar metáforas ou construir alusões capazes de adornar um texto. Como encontramos em Deleuze e Parnet (1998, p. 15) “Não nos servimos de termos desterritorializados, ou seja, arrancados de seus domínios, para reterritorializá-los em outra noção...”.

Servimo-nos, talvez, de termos produzidos, inventados, travestidos, plantados, dos quais possamos extrair blocos de sensações, promover suas núpcias com os sons, os cheiros, as paisagens, provocando estranhezas e propiciando alucinações.

É necessário, portanto, aprender a escrever de modo cortante, surpreendente, de forma a produzir diferentes intensidades que vão de um sopro, de um acaso, um ocaso, a um escárnio, uma dilatação, uma ranhura, promovendo encontros que são sempre encontros com corpos, “irradiando um pequeno chuvaire de chispas para dentro de cada partícula do corpo, para cada ponta de dedo” (MANSFIELD, 1991, p. 17).

Sob essa inspiração, o trabalho narrativo não poderá assentar-se em relatos sequenciais, em episódios considerados significativos, em núcleos estáveis reveladores das identidades ou processos identitários, mas transitará por entre flashes, takes, ou acionará “uma terceira pessoa do singular, não pessoa ou Ele, na qual nos reconhecemos um Eu e um Tu. Em suma,



cremos que a noção de sujeito perdeu seu interesse em favor de singularidades pré-individuais e de individuações não pessoais” (DELEUZE, 1992, p. 22).

Adentramos, assim, em uma forma de trabalho narrativo que se volta para a captura de intensidades narrativas, para identificar as persuasões e zonas de indefinição, os diferentes campos discursivos em jogo quando se profere algo, para flagrar e descrever os enunciados que nos colocam em diferentes posições e processos de subjetivação.

Cabe, talvez, uma renomeação da pesquisa narrativa para sua forma mais cartográfica. Como cartografia, a pesquisa narrativa investiria na escrita como desenho que “acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1989, p. 37).

Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e não só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia (ROLNIK, 1989, p. 44).

O cartógrafo da narrativa recolhe e acolhe, portanto, mapas de intensidades e não opera com unidades de análise. Busca não aquilo que julgamos que é, mas o que está sendo e o que está por vir. Tenta flagrar quais devires transgressores e revolucionários as subjetividades comportam, escondem e oscilam; as irrupções que mesmo as vidas mais tacanhas podem expor.

Ao optar por esse procedimento metodológico, chega-se a um ponto

onde é imperioso encarar corajosamente o fio esticado entre as potências criadoras da escrita e os produtos de domesticação. Entre o que se pensa sobre vida e o que se pode vislumbrar em bordas que comportam outras racionalidades, movimentos anômalos, dramas variados.

Cabe, sem pudores, exercitar o flagrante delito de fabular, tornar-se ladrão, deixar-se “ser mordido pelas coisas exteriores” (ARTAUD, 2008, p.87), valorizando as catalepsias, as amnésias, arquetetando imagens do pensamento que tenham natureza vulcânica e causem mal-estares, pois “um pensamento que não faz mal a ninguém, que não perturba ou entristece os tolos, não pode ser pensamento” (SCHOPKE, 2009, p.17.)

Se chegarmos, então, a falar em pesquisa narrativa como alusão a qualquer rastro biográfico, estaremos apenas operando no interior e fora de “um discurso sobre vida/morte que ocupa um certo lugar entre o logos e o drama” (DERRIDA, 1991, p. 79).

### 3. PARA NÃO CONCLUIR... PROCURANDO ESPAÇOS LISOS...

As hastes da inflexão aqui proposta sinalizam para espaços não identitários, não representacionais, não interiorizados. Para o exílio do campo da identidade e da semelhança e da razão representativa.

A invenção necessária é a de narrativas que escapem à reconhecimento e à recodificação do vivido. Que registrem escritas de intensidades que não se podem confundir com o discurso representativo ou cognitivo. Movimentos que se façam em relação com um “de-fora”, para além de interioridades biográficas a serem desnudadas. Brigas de foice entre palavras e coisas. Nada reconhecer. Nada revelar. Fazer possíveis, apenas, aparições. Diferentes formas de aparição da diferença.

Produzir novos conluios com a





língua. Linguagens. Como em Dylan Thomas (THOMAS, 2003, p. 123) “Uma língua de baioneta nesse indefeso fragmento de oração”. Onde a boca seja “uma trombeta de mentiras sopradas com doçura”.

### SOBRE A AUTORA

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professora Associada II do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, líder do

Grupo de Pesquisa Diferença e Educação - DIFERE, que desenvolve estudos voltados para a constituição de sínteses disjuntivas apoiadas nas virtualidades e multiplicidades de abordagens filosóficas de inspiração pós-estruturalista, investindo no aprofundamento do pensamento nômade da diferença, na escrita de intensidades e no estilo como linhas de fuga e possibilidades de afrontamento dos limites da linguagem sedentária no campo da investigação educacional.



### NOTAS EXPLICATIVAS

<sup>2</sup> O DIFERE congrega docentes de diferentes campi da UFPA e discentes do programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. O presente texto vincula-se ao trabalho investigativo desenvolvido no projeto de pesquisa “Escritura da Diferença e Educação” que articula, presentemente, as diferentes frentes de investigação de cariz pós-estruturalista do grupo.

<sup>3</sup> Segundo nos coloca Corazza (CORAZZA, S. M., TADEU, T. Composições: Belo Horizonte: Autêntica, 2003. O procedimento da escrita artística embaralha os códigos do âmbito da Filosofia-Arte-Ciência-Literatura-Educação, valendo-se de diferentes ideias-forças como aquelas provenientes do pensamento de Nietzsche, Valéry, Deleuze, Barthes e afins, possibilitando formas de expressão em termos de escrita-artista que acolha passagens de Vida que atravessam o vivível e o vivido, produzindo fantasias entre a língua e o estilo.

## REFERÊNCIAS

ISSN 1982-8632



Revista  
@mbienteeducação.  
6(1): 84-93, jan/jun,  
2013

- ARTAUD, A. Linguagem e vida: São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CORAZZA, S. M., TADEU, T. Composições: Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- DELEUZE, G. Conversações: Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia: Rio de Janeiro: Ed 34, v.5: 1997.
- DELEUZE, G. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia Rio de Janeiro: Ed 34, v.1: 1995.
- DELEUZE, G. A literatura e a vida In: \_\_ DELEUZE, G. Crítica e clínica. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. O que é a filosofia?: Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.
- DELEUZE, G., PARNET, C. Diálogos: São Paulo: Escuta, 1998.
- DERRIDA, J. Margens da filosofia: Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- MANSFIELD, K. Felicidade e outros contos: Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- MARTINS, C. J. Utopias e heterotopias na obra de Michel Foucault: pensar diferentemente o tempo, o espaço e a história In: \_\_ RAGO, M. E. A. O. Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias Nietzscheanas. Rio de Janeiro: DP&A 2002. p.p. 85-98.
- PELBART, P. P. O tempo não-reconciliado: imagens do tempo em Deleuze: São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ROLNIK, S. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo: São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SCHOPKE, R. Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade: São Paulo: EDUSP, 2009.
- THOMAS, D. Poemas reunidos:1934-1953: Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- ZOURABICHVILI, F. Deleuze e a questão da literaridade. Educação & Sociedade, v. 26, n. 93, p. 1309-1321, 2005. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302005000400012&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400012&nrm=iso) >.